

A VOZ DE SUJEITOS-READAPTADOS EM DISCURSO: O LUGAR DO BIBLIOTECÁRIO

Resumo

A realidade brasileira tem apresentado cada vez mais professores readaptados ocupando a posição de bibliotecário dentro de bibliotecas escolares. Chama a nossa atenção a ausência de pesquisas sobre a maneira que esses sujeitos falam de sua atuação, de leitura e biblioteca. Propomos estudar dizeres inscritos em uma comunidade virtual destinada a fazer circular a voz desses sujeitos, marcando como eles dizem de seu trabalho dentro das bibliotecas escolares e a forma que compreendem essa denominada condição do professor readaptado. Mobilizamos a Análise do Discurso de matriz francesa, especialmente as noções de sujeito, discurso e memória, para interpretar o dizer desses sujeitos e, no que se refere à Ciência da Informação, trabalhamos com a movimentação de sentidos sobre a voz desses profissionais que atuam em um campo de trabalho diverso do seu.

Palavras-chave: Sujeito; Discurso; Memória; Biblioteca escolar; Comunidade virtual.

THE VOICE OF THE READJUSTED TEACHERS IN DISCUSSION: THE PLACE OF THE LIBRARIAN

Abstract

The Brazilian reality has been presenting readapted teachers more and more occupying librarian's position inside of school libraries. It gets our attention the absence of researches on the way that those subjects speak about your performance, of reading and library. We intend to study sayings enrolled in a virtual community destined to do to circulate the voice of those subjects, marking like them says inside of your work in the school libraries and the way that understand that denominated condition of the readapted teacher. We mobilized the Analysis of the Discourse of French head office, especially subject's notions, speech and memory, to interpret the saying of those subjects and, in what he/she refers to the Science of the Information, we worked with the movement of senses on those professionals' voice that you/they act in a field of several work of yours.

Keywords: Subject; Discourse; Memory; School library; Virtual community.

Gustavo Grandini Bastos

Discente de Ciências da Informação e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
gabriela_faustino@yahoo.com.br

Gabriela Gimenez Faustino

Discente de Ciências da Informação e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
gugrandini@uol.com.br

Ludmila Tatiane Rodrigues de Almeida

Discente de Ciências da Informação e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
ludalmeida_usp@yahoo.com.br

Lucília Maria de Sousa Romão

Doutorado em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP.
Professora da USP
luciliamsr@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO, UM MOVIMENTO DE VARRER SENTIDOS ESTABILIZADOS

Considerando que professores readaptados vêm ocupando cada dia mais o lugar de bibliotecários em unidades escolares de informação, perguntamos: que posição ocupa esse que fala na biblioteca escolar? Será que a posição de bibliotecário está inscrita na voz desses sujeitos? Que sentidos são produzidos nesse lugar discursivo? Chama-nos a atenção a ausência de trabalhos que busquem tatear essas questões e ouvir os professores readaptados que, na maioria dos casos, são empurrados para a biblioteca escolar e colocados ali sem outra opção, forçados a estar em um novo local de trabalho que, não raro, lhes é tão estranho quanto amorfo. Embora a lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, marque a necessidade de obrigatoriedade da biblioteca escolar e de um responsável qualificado, com formação em Biblioteconomia, em cada escola, sabemos que, em grande parte, são professores ou funcionários que ocupam tal posição.

Os espaços de dizer desses sujeitos sobre tal movimento são poucos, talvez por isso, as comunidades virtuais materializadas na rede eletrônica venham crescendo a uma velocidade espantosa e afetando o modo como temas, antes silenciados e pouco visíveis, passam a ganhar expressão de destaque e circulem de modo vigoroso. No nosso caso, encontramos na rede eletrônica a voz de sujeitos-professores, manifesta em uma comunidade intitulada “Professores readaptados”, na qual o espaço de dizer de si, da biblioteca e do trabalho instala um movimento tenso de sentidos; assim, nessa pesquisa, resolvemos escutar o discurso desses sujeitos nessa comunidade. A partir de recortes de entrevistas coletadas na referida comunidade, buscamos sinalizar a contribuição da Análise do Discurso de matriz francesa para o campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, procedendo ao que consideramos ser uma interface importante, qual seja, a interpretação de dizeres sobre a biblioteca escolar.

Inicialmente faremos a explanação de conceitos da teoria discursiva, em especial, as noções de discurso, sujeito e ideologia; posteriormente interpretamos dizer de sujeitos-readaptados sobre a biblioteca e sobre seu fazer no lugar de bibliotecário. No nosso

horizonte, está depositado o desejo de que os estudos sobre o discurso e a biblioteca escolar possam varrer a poeira dos sentidos estabilizados colocando, em movimento e em rede, outros saberes e outros sentidos.

2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA NOSSO PERCURSO TEÓRICO: DISCURSO, SUJEITO E IDEOLOGIA

A Análise do Discurso de matriz francesa (AD), nosso estofo teórico, “[...] visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido.” (ORLANDI, 2006, p. 26). Tal movimento de interpretação de sentidos e sujeitos é fundamental para o estudo e análise da voz de readaptados nas bibliotecas escolares, visto que nos convida a pensar a noção de sujeito, ou seja, a posição assumida no discurso e os efeitos produzidos no modo de significar a si e ao outro. Pêcheux (1969) sinaliza que o sujeito discursivo é sempre efeito de uma posição na linguagem, afetado pelo modo como é capturado pela ideologia em condições materiais dadas. Definida por Pêcheux (1975) como o mecanismo produtor de evidências, a ideologia “se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história” (ORLANDI, 1997, p. 20); assim, ela “torna possível tanto a naturalização de alguns sentidos, pela força da repetição, quanto os seus deslocamentos, rupturas, através do jogo tenso das relações ideológicas de poder entre os sujeitos e, também, da história” (FERRAREZI, 2007, p. 18). Esse assalto pela/da ideologia faz com que o sujeito tenha como certos e exatos os sentidos produzidos na posição discursiva que ele ocupa, trabalhando com a (necessária) ilusão de que há uma equivalência entre seu pensamento e a realidade, entre palavra e mundo, entre o seu lugar e a obvedade dos sentidos que produz.

Isso tudo nos remete ao jogo movediço e tenso entre três conceitos ordenados por Pêcheux (1969), o primeiro chama-se Formação Social (FS) e diz respeito aos lugares sociais

disponíveis na trama sócio-histórica, ou seja, as regiões de poder que estão em fluxo na conjuntura social e que indiciam o modo como o político e a luta de vozes estão em funcionamento. Tais lugares determinam as Formações Ideológicas (FIs), definindo as representações e as imagens de cada um desses lugares sociais, delineando o que a ideologia faz parecer natural, inscrevendo a evidência de alguns sentidos e o banimento de outros. Por fim, as formações discursivas (FDs) engendram o que pode e deve ser dito a partir do lugar que o sujeito ocupa e do modo como ele capturado pela ideologia. Ao inscrever-se na linguagem, o sujeito assume-se em uma posição discursiva, sempre provisória dentro do que lhe é possível dizer nas condições sociais e no fígamento ideológico ao qual se submete.

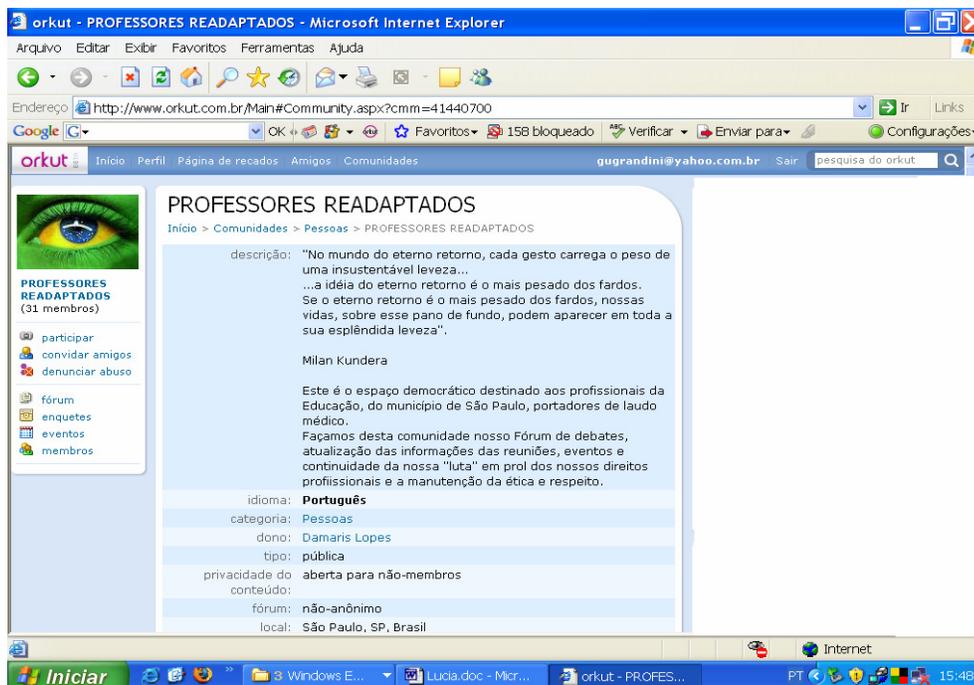
Observe-se, ainda, que para a Análise do Discurso interessam as posições discursivas ocupadas pelo sujeito para ser sujeito do que diz em condições histórico-ideológicas determinadas. Um dizer inscrito na ideologia, isto é, nas representações imaginárias que os sujeitos constituem face às suas condições materiais de existência, representações essas que vão se naturalizando na história. É um dizer historicamente circunscrito às redes de paráfrases, substituições metafóricas e encadeamentos constitutivos dos processos de produção dos sentidos inerentes às formações discursivas e que garantem um efeito de literalidade para as representações imaginárias. O sujeito, para a Análise do Discurso, é uma posição material lingüístico-histórica produzida em meio ao jogo contradições e tensões sócio-ideológicas. (MARIANI, 2003, p. 6)

Ainda no âmbito da AD, há outros dois conceitos importantes para nosso estudo, quais sejam, intradiscurso e interdiscurso. O primeiro é o fio do discurso que o sujeito tece como pode; no entanto, suas palavras não nasceram nele mesmo, pois já foram ditas antes em outros contextos sociais, então, o sujeito tem em sua voz marcas do interdiscurso, fragmentos de dizeres já manifestos, palavras já encorpadas por sentidos dados em outros lugares. Sobre isso, Pêcheux, (1997, p. 167) afirma que: “[...] enquanto ‘fio do discurso’ do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma ‘interioridade’ inteiramente determinada como tal ‘do exterior’”. Ou seja, ao tomar a palavra, o sujeito ancora-se na ilusão de invenção de seu discurso, supondo que o seu dizer inaugura linhagens

(e, diga-se de passagem, tal ilusão faz-se necessária). Assim, o interdiscurso é condição da linguagem já que o sujeito sempre se move em dizeres alheios e falados por outros, pois “a amarração do discurso do sujeito com o discurso do outro indica a ideologia interpelando-o; tem-se aí uma dependência/ identificação/ associação a uma formação discursiva já dita. O sentido respira sempre atrelado ao interdiscurso.” (ROMÃO, 2002, p. 236). Nesse movimento de filiar-se ao já-dito, o sujeito ressignifica sentidos, promovendo manutenções ou deslocamentos. Entendemos, assim, o efeito de “fio do discurso” do sujeito composto a partir da capilaridade da memória discursiva, mobilizando “o eco de antigas palavras” como canta o trovador.

3 SUJEITOS-READAPTADOS NO ORKUT: A INSCRIÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A BIBLIOTECA ESCOLAR

Iniciamos uma breve descrição da comunidade Professores Readaptados que possui um total de 31 membros participantes e é aberta a discussões de professores readaptados não apenas em bibliotecas escolares, mas também em outros espaços, como por exemplo, a secretaria da escola. Apresenta-se como um lugar discursivo muito convidativo, no qual é composto um mosaico bastante rico de vozes, começando pela fotografia de um olho com cores da bandeira nacional e uma citação do escritor Milan Kundera.



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41440700>

No mundo do eterno retorno, cada gesto carrega o peso de uma insustentável leveza.... a idéia do eterno retorno é o mais pesado dos fardos. Se o eterno retorno é o mais pesado dos fardos, nossas vidas, sobre esse pano de fundo, podem aparecer em toda a sua esplêndida leveza. Milan Kundera

Os efeitos de retorno e de difícil conquista da leveza funcionam aqui discursivamente como sinal do “pesado dos fardos”, sentido que, deslocado da obra literária, estende-se à atividade do sujeito-readaptado na biblioteca. Temos a condição de readaptação discursivizada como algo complexo e desgastante, que reclama apenas o sentido de cumprimento de um dever penoso, que quando cumprido provoca um alívio indescritível. A imagem do martírio está posta, carregada nas marcas indiciárias de doença e/ou debilidade do sujeito-professor para trabalhar na sala de aula.

Este é o espaço democrático destinado aos profissionais da Educação, do município de São Paulo, portadores de laudo médico. Façamos desta

81

comunidade nosso Fórum de debates, atualização das informações das reuniões, eventos e continuidade da nossa 'luta' em prol dos ossos direitos profissionais e a manutenção da ética e respeito.

Além da fotografia do olho aberto e da citação de Kundera, temos uma pequena descrição da comunidade como “um espaço democrático destinado aos profissionais da Educação, do município de São Paulo, portadores de laudo médico”. A marca “laudo” é bastante interessante, visto que o sujeito discursivo antecipa aqui não todos nem quaisquer profissionais da educação como interlocutores, mas aqueles que são “portadores de laudo médico”. Destacamos que o excerto abre espaço para diversos sentidos, “portador” de um documento ou de um diagnóstico, dentre outros. Nesse caso, apenas a confirmação comprovada de uma doença dá a senha de acesso à comunidade, o que nos permite inferir que não são todos os readaptados que são bem vindos, aqui enfatiza-se que a comunidade é voltada para readaptados por motivos de falta de saúde.

Depois de diversas buscas *on-line*, encontramos quatro comunidades sobre o tema e escolhemos a página *Professores Readaptados* por ela apresentar uma quantidade superior de membros em relação às outras. Escolhida a comunidade, a primeira medida foi a postagem de uma mensagem na comunidade que consistia na seguinte mensagem.

Ajuda com Pesquisa Professores Readaptados

Olá Pessoal.

Eu sou estudante de Ciência da Informação, Documentação e Biblioteconomia da USP/RP e bolsista do PIBIC/CNPq. Estou buscando professores readaptados que atuem em bibliotecas para que respondam a um questionário, busco quando terminar de recolher essas entrevistas escrever um artigo com base nesses depoimentos. Se vocês pudessem me ajudar eu ficaria imensamente grato. Obrigado.



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41440700-1>

Após esse primeiro contato, resolvemos deixar mensagens nas páginas pessoais dos associados idênticas àquela deixada na própria página da comunidade. Como resposta, obtivemos sete questionários preenchidos por professores de diferentes regiões do país, quais sejam São Paulo, Porto Alegre, Mogi das Cruzes, Rio Grande, Belo Horizonte, Bragança Paulista, dentre outras, algo que só pode ser obtido em função da facilidade proporcionada pela rede eletrônica e, em particular, pela própria comunidade do Orkut que é nosso objeto de estudo. Por isso, destacamos que a própria rede criada pelos sujeitos-readaptados alimentou nossa aproximação com o tema, nossa coleta de dados e, sobretudo, nossas inquietações sobre que voz inscreve-se no âmbito da biblioteca escolar e como isso funciona discursivamente.

4 SENTIDOS DE BIBLIOTECA ESCOLAR, POSIÇÕES-SUJEITO EM JOGO

A partir dos dados coletados, constituímos um *corpus* de análise com recortes que apontam as posições-sujeito em jogo no discurso e que iremos interpretar a partir de agora.

Eu sempre procurei enxergar a biblioteca como o pulmão que move a escola como um todo, onde todos: alunos, professores, funcionários e comunidade fossem buscar conhecimento e o interesse pela leitura desde os mais pequenos aos adultos. Também onde se desenvolve projetos para estimular a comunidade a buscar a biblioteca como fonte de conhecimento e cultura.

A apresentação da escola como um corpo humano e da biblioteca como um órgão vital, no caso, o pulmão indicia uma relação visceral entre partes e todo; assim, põe em discurso a biblioteca como órgão vital para assegurar o ato de respirar aos sujeitos dentro da escola. Se tomarmos a metáfora mais a fundo, podemos inferir que o pulmão trabalha para garantir o transporte de oxigênio, ou seja, o fluxo vital na corrente sanguínea e nas células; da mesma maneira, a biblioteca teria o papel de oxigenar, transportar sentidos de vida e garantir a pulsação da leitura no âmbito escolar. Infelizmente esse efeito é incompatível com a realidade do país, visto que a quantidade de escolas com essas bibliotecas é mínima em nossas cidades. Isso considerando que muitos lugares, apresentados como bibliotecas, não passam de meros depósitos de material, onde parques e desatualizados livros e enciclopédias estão desatualizados e empoeirados, dificilmente despertando interesse da comunidade escolar para seu uso, e onde a mais remota tecnologia dificilmente vai além de um computador antigo e (quase) sempre sem conexão a internet. No recorte acima, o efeito de biblioteca faz falar um lugar discursivo fundamental que auxilia e movimenta toda a estrutura que sustenta comunidade escolar; assim, temos a imagem de um lugar que permite e estimula a leitura e incentiva a busca e pesquisa ao conhecimento e cultura. O sujeito marca-se na posição daquele que idealiza a biblioteca escolar como pulmão, já que “eu sempre procurei enxergar” algo diferente nesse lugar, o que não necessariamente garante a existência desse espaço discursivizado como vital.

ENXERGO A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO UMA SALA DE LIVROS,CD,DVD.INFORMATIZADA COM INTERNET PARA PESQUISAS E LEITURAS EM GERAL E ABERTA OTEMPO INTEIRO DE AULAS;NO MÍNIMO DUAS READAPTADAS NO CASO.¹

O excerto acima inscreve a biblioteca muito além das estantes só com livros, pois o sujeito enuncia que a enxerga como lugar onde há “CD,DVD.INFORMATIZADA COM INTERNET”. Ao marcar “ENXERGO”, o sujeito autoriza-se a dizer em seu nome, implicando-se em sentenciar que uma sala só com livros não basta para cumprir a tarefa de seduzir leitores. Há duas condições igualmente colocadas em movimento: estar aberta e ter “NO MÍNIMO DUAS READAPTADAS NO CASO”. Observamos aqui que “readaptadas” irrompe como um sentido naturalizado pela ideologia como evidente e óbvio, inscrito no feminino e fortemente ligado ao espaço da biblioteca escolar e da professora ou funcionária. Dito assim, o sujeito reconhece-se no âmbito dessa nomeação, repete-a considerando-se identificado com ela.

Sou professora readaptada por voz

Fui readapatada devido **a calos nas cordas vocais**, após 19 anos de serviço, sempre fazendo **uso da voz**.

Os dois recortes acima materializam, na ordem da língua, que o motivo da readaptação está ligado a problema vocal; entendemos, então, que a biblioteca é lugar para onde se destinam os que não têm voz (vale aqui a polissemia do termo) ou é espaço de não uso da voz, já que um sujeito com esses problemas é posto nesse espaço para se recuperar e descansar. Isso revela uma formação ideológica à qual a biblioteca escolar está presa, qual seja, lugar de marasmo, silêncio e inexistência de diálogo. O sujeito localiza-se justamente aí: trabalha na biblioteca, pois nela não precisa usar a voz, tem descanso e pausa na interlocução. “Sou professora readaptada por voz”, chama a nossa atenção o uso da

¹ As respostas das entrevistas estão reproduzidas aqui tal qual nós as recebemos.

preposição, que sintaticamente cria o efeito de sentido de, apenas por ter voz, o sujeito ter sido destinado ao impedimento de trabalhar em sala de aula, vivenciando, na biblioteca, a única opção de remanejamento por estar doente, velho ou cansado.

Vale ressaltar que a própria rede eletrônica tem efeitos aqui, pois as supostas proteção e segurança de escrever em uma comunidade eletrônica fazem falar um espaço confortável de dizer de si, de tecer depoimentos pessoais, de expor problemas e dramas, o que nos fornece recortes interessantes que na interlocução face a face poucas vezes observamos.

ESTOU NA BIBLIOTECA PORQUE A DIREÇÃO NÃO QUER FAZER OUTRA ADEQUAÇÃO A OUTRA ATIVIDADE NA SECRETARIA DE ACORDO COM MEU ROL

O sentido de insatisfação com a readaptação na biblioteca escolar está posto acima, inclusive marcando o equívoco de este sujeito encontrar-se em local inadequado e deslocado de seu “rol”. O sujeito coloca-se impedido de voltar para a sala de aula, seu lugar de origem, e aceita seu estado de readaptado a contragosto, marcando um litígio em relação à direção que “NÃO QUER FAZER OUTRA ADEQUAÇÃO”. O jogo político está aqui marcado com duas vozes de poder enunciadas e colocadas e confronto, sendo que a do sujeito-professor perde, ainda mais de um professor readaptado. Isso não é difícil de saber o motivo, já que os readaptados muitas vezes não são tratados como educadores e nem mesmo como profissionais com o mesmo peso e medida dos professores atuantes em sala de aula; muitas vezes, são considerados meros subalternos ou incapazes de realizar atividades criativas, ficando na biblioteca escolar como encosto ou peça inativa. A voz desse professor recusa esse lugar e oferece um movimento de desacordo em relação à improdutividade, fazendo funcionar o “ESTOU NA BIBLIOTECA” e não trabalho na biblioteca. Estar é um estado passageiro e não implica comprometimento com o trabalho, tampouco cola o sujeito àquilo que é da ordem de seu desejo; assim, o “ROL” do sujeito é dito como pouco aproveitado e a leitura e o prazer de estar na biblioteca não existem.

[...] **readaptei-me, não por escolha pessoal, mas por necessidade de mais uma pessoa para cobrir horário entre um período e outro.** Com o passar dos dias, foi abrindo-se diante de mim um mundo que **eu só conhecia como usuária**, tendo assim a oportunidade de inteirar-me da dinâmica e estrutura da Biblioteca e hoje posso dizer sem erro: **“é muito gratificante.**

A condição de readaptação é discursivizada pelo sujeito a partir do verbo reflexivo – “readaptei-me não por escolha pessoal, mas por necessidade de mais uma pessoa para cobrir horário entre um período e outro.”. O modo do funcionamento verbal aqui é bastante opaco pois, ao invés de assumir a voz passiva para falar de sua condição como outros sujeitos o fizeram (“fui readaptado”), o sujeito supõe-se escolhendo a readaptação e recebendo os efeitos de sua escolha. Parece evidente, nessa posição, o sentido de que ele optou por readaptar-se, mas contraditoriamente ele marca a “necessidade de cobrir horário”, considerando algo imposto à revelia de sua escolha. O readaptar-se produz um efeito de sacrifício e doação, garantindo um estado de satisfação conquistado aos poucos com o encontro das características quase mágicas e divinas que só a biblioteca possui. Temos, então, uma espécie de ‘metamorfose’ em que o sujeito passa da posição de “usuária” (“eu só conhecia como usuária”) para outra, já que agora como responsável pela biblioteca. Talvez “readaptar-se” tenha relação com isso, visto que o sujeito foi afetado pela readaptação a qual foi submetido.

Resolvi transformar uma sala depósito em uma sala de leitura. Deu certo.

O discurso desse sujeito produz sentidos de atuação e transformação, visto que o “resolvi transformar” colocam em movimento uma tomada de atitude e um posicionamento diferente que exclui falar da falta da voz, da direção, da saúde, da sala de aula. O sujeito trabalha com outra região de sentidos, na qual objetiva a ruptura com os sentidos estabilizados pela ideologia como naturais, tais como, inércia do readaptado frente a sua nova condição de trabalho. A passagem de “uma sala depósito” para “uma sala leitura” inscreve o sujeito como produtor de um corte no efeito de depósito que tradicionalmente a

escola destina à biblioteca escolar, produzindo um deslocamento interessante, já que a sala permanece a mesma mas deixa de ser o lugar de materiais mortos para configurar-se como sala de leitura, atividade geradora de criações.

[...] **começamos a organizar tudo**, desde as estantes, materiais para pesquisa, mais professores e procurar um curso de restauração de livros, que não tínhamos, pois era livro para consertar demais. **Aceitei o convite** pois conseguimos outro professor para meu lugar e fui por que **gosto deste tipo de trabalho**, pois estávamos com a idéia da Hora do Conto para as series iniciais e precisavam de uma de Artes para montar cenários, ver fantoches e trabalhar um grupo de alunos monitores, voluntários para começarmos o incentivo a leitura desde o pré. Conseguimos este objetivo ate a quarta serie. **Este trabalho foi reconhecido pois seguidamente éramos convidadas a ir a seminários expor nosso trabalho e Feira do Livro**, como ir a outras escolas apresentar um teatrinho de fantoches com o objetivo do estímulo a leitura.

Anotamos aqui o jogo entre o nós e o eu. Isso marca, de um lado, o trabalho coletivo de organizar, preparar o espaço da biblioteca e planejar as atividades que nela serão desenvolvidas, tudo isso feito por um nós que não sabemos exatamente quem é. De outro lado, o eu comparece em uma posição à qual a palavra readaptado não está presa, assim, abre-se um espaço para que outros sentidos sejam produzidos, no caso, para que o sujeito diga que esse processo foi feito por convite. “Aceitei o convite pois conseguimos outro professor para meu lugar e fui por que gosto deste tipo de trabalho”, temos aqui a posição-sujeito de cumplicidade em relação ao trabalho na biblioteca escolar e na promoção de espaços de leitura, posição de escolha e de desejo, posição de trabalho e não de readaptação.

[...] o espaço original foi solicitado para ser **sala de atividades esportivas**; depois a sala dos professores teve um **espaço reservado para guardar os livros**, e agora foi dividido e organizado de forma que os livros estejam disponíveis para retirada, mas ainda é usado para as **aulas de Reforço** nos períodos matutino e vespertino, nos impossibilitando de ativar **seu funcionamento adequado**.

O recorte acima retrata o modo como a biblioteca é gerenciada pela escola, ou seja, como um espaço que “serve” para tudo menos para o trabalho com a formação de leitores. A biblioteca escolar nem tem chance de “disputar” prestígio com as outras atividades escolares, visto que nem mesmo foi ativada com “seu funcionamento adequado”, servindo para “atividades esportivas, guardar livros, aulas de Reforço”, o que marca a falta de identidade desse espaço.

Durante nossas análises, os sujeitos inscreveram várias maneiras de “espaço”, “sala”, “lugar”, “local” para definir a biblioteca escolar. Essas marcas discursivas, de certa forma, acabam por reduzir a biblioteca escolar a um simples espaço físico, mas, ao decorrer de suas colocações, os sujeitos utilizam outros significantes, que fazem com que, passemos a atribuir outros significados a suas falas, produzindo outros sentidos. Ao serem fisgados pelos significantes “conhecimento”, “dinâmica da escola”, “aberta”, “contato com todo o tipo de leitura” e “à vontade”, identificamos que estes sujeitos discursivizam a biblioteca escolar, não somente como um espaço físico, imóvel e imutável, mas com um sentido outro, não mais reduzido, e sim, multiplicado, pluralizado, com diversas atribuições, como parte integrante e atuante na concepção desses sentidos, não apenas presente e estático. Abordamos como esses sujeitos nomeiam a partir do modo como a ideologia os captura e interpela, fisgados por algo que lhes parece evidente na posição em que se encontram.

O foco central de uma escola. De lá saem os subsídios para professor e aluno. Um **espaço de conhecimento e ligação entre o conhecimento do real e do imaginário.**

Um **centro de conhecimentos e cultura** de fácil alcance para todos e informatizada com internet, separando um espaço para as crianças que adoram a biblioteca. Ter **funcionários bem treinados para toda a parte técnica e de conserto, atendimento e conhecimento** na hora de buscar o que o aluno quer como saber usar internet. No meu ponto de vista a biblioteca deveria receber **sempre todos os jornais e revistas específicas e ser o ponto vital da escola para tudo.**

Aqui temos uma biblioteca como ponto de partida de tudo que acontece na escola, como núcleo central e pensante da mesma, uma célula educacional que auxilia professores,

alunos e os demais membros da comunidade escolar em suas pesquisas e que fornecem uma série de recursos em diversos suportes. Aqui o sujeito desloca-se completamente da posição de readaptado, tal como repetidamente está cristalizada pelos sentidos de inércia, doença e enfado, e produz uma fissura na qual faz falar o novo, o outro e o diferente. Os mesmos efeitos de prazer, ligados ao “espaço de conhecimento e ligação entre o conhecimento do real e do imaginário” e ao “centro de conhecimentos e cultura, estão discursivizados abaixo:

Um lugar extremamente prazeroso. Amo trabalhar aqui. É aqui que **os alunos nos procuram pra conversar**, onde sabemos suas condições de vida, podemos auxiliá-los onde outros não conseguem. **Eles têm em nós não apenas professores fora da sala, mas amigos** que os ajudam em tudo, até crêem que acobertamos suas pequenas faltas, crêem que somos seus verdadeiros amigos na escola (diferentemente de outros professores, coordenadores e direção).

Destacamos que o excerto acima faz falar uma posição-sujeito em que comparece a marca do prazer, já que a biblioteca escolar é “um lugar extremamente prazeroso”, o que marca um funcionamento discursivo bastante diferente sobre o tema. Logo depois de dizer isso, o sujeito inclui-se nessa ciranda de prazer, “Amo trabalhar aqui”. Tal combinação das duas sequências discursivas provoca os sentidos de cumplicidade em relação ao trabalho com o universo dos livros e, sobretudo, com os leitores tendo em vista que as conversas, as amizades e a interlocução com eles aparecem de modo produtivo, gostoso e rico. Anotamos que, para as mesmas perguntas do questionário, recebemos respostas absolutamente diferentes, no caso, os sentidos de professor-readaptado foram banidos para que a relação com o mundo da leitura pudesse aparecer. Os recortes que se seguem, por exemplo, também instalaram sentidos de apaixonamento.

O que sempre digo aos alunos, que ali é um mundo mágico.

Como **um local especial na escola**, onde os alunos, professores e toda a comunidade escolar tem a oportunidade de conhecer, ler, se emocionar, e transformar suas vidas,

a partir da entrada em um **mundo desconhecido, apaixonante, criativo e edificante**: ao abrir um livro se abre o mundo à sua frente!

BIBLIOTECA ESCOLAR TEM QUE SER ABERTA O TEMPO INTEIRO DE AULA; COM FUNCIONÁRIOS ADEQUADOS E SADIOS COM CERTEZA.COM MAIS LIVROS ATUALIZADOS E INFORMATIZADA COM INTERNET;COM MAIS OPÇÃO DE HORÁRIO PARA NÃO FICAR UMA MERA OBRIGAÇÃO DE PEGAR LIVROS NO HORÁRIO MARCADO.

O sujeito sinaliza que o funcionamento da biblioteca escolar pode estar ligado a sentidos de magia, encantamento e descoberta, constitui-se, assim, um dizer sobre a atração que os livros teriam sobre os alunos ou leitores. Daí o sujeito assumir-se na posição de voz de autoridade, já que tem um saber a ser dito, qual seja, a sustentação da magia da biblioteca. Outra questão importante está ligada ao horário de funcionamento dessa unidade informacional, definido como pequeno e insuficiente. Destaca-se, ainda, a importância de profissionais adequados e sadios para o trabalho na biblioteca escolar, a a necessidade de um acervo com livros atualizados e de saber que novos suportes e recursos informacionais são fundamentais, sem a limitação de uma relação fixa que se limita a um mero: retirar e devolver livros como única atividade possível na biblioteca.

Imagino **um trabalho coordenado com toda a escola ou comunidade** (ter a parte material: estantes, mesas, computadores, cadeiras, ventiladores, uma boa sala, materiais de suporte ao trabalho) com treinamento e suporte técnico em tudo, bom atendimento e interesse em conhecer todas as funções de uma biblioteca e seus usuários. **Receber um bom salário e ser reconhecida pela comunidade escolar e ter colegas com o mesmo propósito de fazer o melhor sempre.**

O bibliotecário escolar tem que ser '**pau pra toda obra**', conhecer seu acervo muito bem pra poder ajudar ao estudante, saber aconselha-lo em tudo e ajuda-los nos **trabalhos escolares.**

O sujeito aqui mobiliza o efeito de coletividade para falar da biblioteca escolar, implicando todos os membros da comunidade educacional para a tarefa de ocupar esse espaço de leitura. Marca discursivamente um sentido de denúncia das péssimas condições

de trabalho no âmbito da remuneração salarial, o ressalta a importância de um salário decente que corresponda ao valor da função ali exercida. Baixos salários implicam pouca motivação para a construção de bibliotecas criativas e arejadas, e o sujeito assume-se nesse lugar de reivindicação diante de uma realidade que, como sabemos, ainda precisa ser muito modificada e melhorada.

Tal efeito de busca de mudança – de algo melhor – tem relação com o modo como o bibliotecário é visto, nome que até então não aparecera em nenhum recorte anterior. Nada de professor-readaptado, mas “**bibliotecário escolar**”, o que marca um sujeito que se assume com formação acadêmica e embasamento fincado na área da Biblioteconomia. Interessante que a forma como esse profissional é qualificado vem acompanhada de uma expressão bastante popular, qual seja, “**pau pra toda obra**”. Pelo sentido repetido e evidente, sabemos que tal expressão inscreve sentidos de um trabalhador que faz de tudo, é polivalente e desempenha diferentes tarefas. No caso, o sujeito define-se como quem auxilia nos “**trabalhos escolares**”, mas sabemos que ele também limpa, restaura, cataloga, organiza o acervo, desenvolve estratégias de mediação de leitura, além de olhar prova, fornecer remédio no horário marcado dentre outras.

Nos dados analisados até aqui, observamos o sujeito discursivo colocando-se em diferentes posições, quais sejam, de readaptado, de professor doente, de funcionário em cargo administrativo forçado, de apaixonado pelos livros, de encantado, de idealizador de projetos, dentre outras. Escutar todas essas posições é um exercício interessante para observarmos como a biblioteca está atrelada a certas regiões de sentidos que, pelo efeito da ideologia, fazem parecer evidente certo dizer.

5 ALGUNS SENTIDOS DE FECHAMENTO, MESMO SABENDO QUE A COMUNIDADE CONTINUA ABERTA

Em nosso trabalho de análise de recortes de entrevistas de sujeitos-readaptados, não imaginávamos que acabaríamos também por analisar o funcionamento discursivo de uma

comunidade eletrônica. Sabíamos que queríamos abordar esses trabalhadores e aproveitar para trabalharmos com as redes de relacionamento que tanto se popularizaram na internet e que alteraram as formas de interação e comunicação e que fizeram irromper novas discursividades. O interessante dessa análise é observar que os readaptados apresentam a biblioteca escolar em discursos que materializam duas regiões de sentidos: na primeira, a biblioteca escolar é apresentada como lugar que pode dar início a uma nova fase da vida escolar, local pulsante com características mágicas e únicas, espaço vital para o aprendizado e a pesquisa; em oposição a tais sentidos, outros aparecem, a biblioteca escolar, então, é lugar de calvário e sofrimento, onde a readaptação é penosa e o trabalho não tem relação com o prazer nem com a realização pessoal. O jogo entre tais regiões de sentidos é tenso e coloca em xeque vozes que falam em nome de e na posição de bibliotecário.

Artigo submetido em 05/13/2010 e aceito para publicação em 10/08/2010

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ludmila Tatiane Rodrigues de; BASTOS, Gustavo Grandini; ROMÃO, Lucília Maria de Sousa. Zerar o número de municípios brasileiros sem biblioteca: análise do discurso do Presidente Lula. **Encontros Biblio**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 26, jul./dez. 2008.

FERRAREZI, Ludmila. **O imaginário sobre a biblioteca escolar**: sentidos em discurso. 2007. 106 f.. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciência da Informação e da Documentação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

MARIANI, Bethania. Subjetividade e imaginário lingüístico. **Revista Eletrônica Linguagem em (Dis)curso**, v. 3, número especial, 2003. Disponível em <
<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0303/04.htm>>. Acesso em: 22 maio 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PECHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre. **O papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **O discurso do conflito materializado no MST**: a ferida aberta na nação. 2002. 310 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. (Org.) **Sentidos de biblioteca escolar**. Ribeirão preto: Editora Alfabeto, 2009.

VIEIRA, Iara Martins. **Sentidos sobre o bibliotecário**: a imagem do profissional no ciberespaço. 2008. 119 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciência da Informação e da Documentação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.